a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine

N.º 26 — Primavera de 2008

Português e espanhol, línguas irmãs? Algumas reflexões sobre as diferenças linguísticas

Christopher Rollason
Parlamento Europeu(1)

Reza um conhecido ditado português, «De Espanha, nem bom vento nem bom casamento», e tradicionalmente as duas grandes línguas ibéricas têm mantido uma relação de irmãos, se não inimigos, pelo menos de certo modo desentendidos. No entanto, nem sempre foi assim. O espanhol de Cervantes e o português de Camões pareciam-se mais, em termos fonológicos, estruturais e lexicais, do que as versões actuais das duas línguas. No canto VII de *Os Lusíadas*, quando a expedição de Vasco da Gama chega à costa da Índia do Sul, os heróis lusitanos encontram-se com um mouro expatriado, que lhes serve de intérprete com o rei local, comunicando com eles não em português mas, ironicamente, em espanhol, «na língua de Castela». Foi em Lisboa que se imprimiu uma das primeiras edições do *Dom Quixote*, e mais tarde, no Palácio de Queluz, foi o Príncipe de Alcântara, D. Pedro I do Brasil e D. Pedro IV de Portugal, que nasceu e também morreu numa sala decorada, como se pode ver ainda hoje, com cenas do famoso livro de Cervantes. Apesar dessas ligações passadas, até recentemente, num Portugal que ainda se lembrava amargamente dos 60 anos do domínio filipino e se via a si mesmo como *surrounded by Spain and sea*, reduzidíssimas eram as pessoas, para além das zonas fronteiriças e de algum especialista universitário, que quisessem aprender correctamente a língua do país vizinho.

Hoje em dia, os ventos que sopram de Espanha já devem ser diferentes, pois recomeça a haver um certo casamento cultural entre os dois países ibéricos, pelo menos no sentido de Espanha para Portugal. Há universidades portuguesas cujas Faculdades de Letras já recrutam mais alunos para o castelhano do que para o alemão, situação totalmente impensável há duas décadas (o Brasil também

(1) Unidade de Língua Inglesa.

tem experimentado um grande acréscimo na aprendizagem do espanhol, aparecendo ao mesmo tempo em terras da América do Sul uma curiosa hibridação que já se baptizou *portunhol*). A tendência também não é forçosamente num só sentido, já que o escritor português mais conhecido dos nossos dias, o Prémio Nobel José Saramago — cujo romance *A Jangada de Pedra* já esboçou com ironia as feições de uma *iberidade* partilhada —, é residente nas Canárias e é considerado pela comunidade intelectual do seu país adoptivo como praticamente *uno de los nuestros*. Com a maior aproximação que se está a produzir entre Portugal e Espanha no século XXI, talvez estejamos a voltar à condição de maior permeabilidade mútua que caracterizava as duas culturas na época renascentista.

Contudo, o facto de existir mais diálogo entre as duas línguas não significa, evidentemente, que qualquer dia vá haver fusão entre elas. São duas grandes línguas mundiais que têm cada uma a sua dinâmica e as suas formas de estruturar o mundo. Neste sentido, e levando em conta o maior interesse agora existente em Portugal pelo idioma do vizinho, proponho, neste breve artigo, explorar algumas das áreas linguísticas nas quais existem diferenças marcadas entre as duas línguas (limitando-me, no entanto, ao uso normativo-nacional e sem ter em conta as variações regionais).

I — As formas pronominais e nominais de tratamento e os graus de formalidade

Comecemos por um assunto que conjuga as estruturas gramaticais com os aspectos sociolinguísticos, isto é, a utilização dos *pronomes da segunda pessoa*, tanto no singular como no plural e encarados do ponto de vista do *grau de formalidade* do intercâmbio. Aqui, impõem-se desde já duas precisões importantes. Primeiro, há variações significativas, para ambas línguas, entre a prática europeia e a ibero-americana; segundo, e pelo menos no que diz respeito às variantes europeias, o espanhol costuma ser muito menos formal do que o português.

Em linhas gerais, o espanhol pratica, no singular, uma simples dicotomia entre o *tú* informal e o *usted* formal (se bem que na Argentina e nalguns países centro-americanos o *tú* é substituído pelo *vos*, pronome arcaizante e desconhecido no resto do mundo hispano, do qual dependem morfologias verbais especiais, como em «*vos sabés*» em vez de «*tú sabes*»). No plural, se no castelhano peninsular normativo se faz a distinção entre *vosotros/vosotras* (informal) e *ustedes* (formal), na América hispânica há uma só opção, o muito democrático e polivalente *ustedes*. Não há, praticamente, outras opções, se não for em casos de extrema formalidade, como sejam *Vuestra excelencia*, *Vuestra alteza*, etc. (recorde-se aqui que o *usted* tem as suas origens na fórmula cortês *Vuestra merced*). Do ponto de vista da grafia, recordemos que *usted* y *ustedes* se escrevem frequentemente nas formas abreviadas *Vd*. e *Vds*. Também é útil salientar, no domínio sociolinguístico, que em Espanha o tratamento por *tú* (*el tuteo*) é moeda corrente e que, sobretudo entre as pessoas de menos de 50 anos, é normal os colegas de trabalho ou os membros de uma mesma profissão tratarem-se entre eles por *tú*, constituindo-se assim um paradigma de *in*formalidade que é muito diferente, por exemplo, da prática em França, onde o *vous* formal continua a imperar fora do âmbito familiar ou da amizade íntima.

O panorama do português é, nesse aspecto, bem mais complicado. No Brasil, tudo é mais simples, pois prevalece o *você* (seguido de um verbo na terceira pessoa), com o seu plural *vocês*, sendo raro o *tu*. Em Portugal, por outro lado, a regra é a complexidade. Se na segunda pessoa do singular apenas existe o *tu*, há toda uma gama de fórmulas no registo menos informal. O *vós*, equivalente directo do *vosotros/vosotras* espanhol, já caiu em desuso (excepto em determinados contextos religiosos ou de extrema formalidade), acompanhado pelas formas correspondentes da segunda pessoa do plural (como *vós falardes* em vez de *vocês falarem*), assim como também desapareceu, na terceira pessoa do singular, o *vossemecê* (fórmula análoga a *Vuestra merced* e predecessora de *você*). Hoje em dia em Portugal, sendo o *tu* reservado para o trato entre familiares e amigos, existem muitas possibilidades no plano da comunicação mais formal. Assim, se o Carlos Pinheiro estiver a falar com o Pedro Cabral, e supondo que têm um estatuto social igual mas não pretendem ter intimidade, o referido Carlos pode dirigir-se ao seu conhecido Pedro, para lhe pedir a sua opinião, de qualquer um dos seguintes modos: *o que pensa*?; *o que pensa você*?; *o que pensa o meu amigo*?; *o que pensa o Pedro*?; *o que pensa o Cabral? o que pensa o senhor? o que pensa o senhor Pedro?; o que pensa o senhor Cabral?* Temos, pois, as alternativas: *você*; *o meu amigo*; *artigo + nome*; *artigo + apelido*; *o senhor; o senhor + nome;*

o senhor + apelido. No caso de o Carlos se dirigir à Maria Helena Pereira, também apenas conhecida dele, poderia dizer: *o que pensa você?*; *o que pensa a minha amiga?*; *o que pensa a Maria Helena?*; *o que pensa a senhora?* ou, se ela for jovem, não casada e não muito feminista, *o que pensa a menina?* (a opção do apelido, assim, não se daria para uma pessoa de sexo feminino). Também e tratando-se de uma mulher de uma certa idade, existe a opção de *dona* em vez de *senhora*, se bem que apenas antes do nome e não do apelido: *o que pensa a dona Maria?* No entanto, se o Carlos estiver a conversar com uma pessoa de estatuto social superior ao dele, ou quiser manter alguma distância em relação ao interlocutor, poderá recorrer a uma fórmula que abranja a profissão deste. Assim, dirá: *o que pensa o senhor engenheiro? o que pensa a senhora arquitecta? o que pensa o senhor doutor? o que pensa a senhora doutora?* Caso se dirija a um professor ou a uma professora, quer de uma instituição de escolarização obrigatória quer da Universidade, o mesmo Carlos, se for aluno, pode optar igualmente pelas fórmulas convencionais, abreviadas, que se costumam usar no meio educativo, e, poupando-se ao esforço de dizer *senhor doutor* ou *senhora doutora*, perguntar: *o que pensa o sôtor?; o que pensa a sôtora?* No plural, torna-se tudo mais fácil, podendo-se escolher simplesmente entre o menos formal *vocês* e o mais formal *os senhores* (ou, se se tratar de duas mulheres, *as senhoras*).

Acrescente-se, neste contexto e uma vez que em português o apelido pode fazer parte da fórmula de cortesia da segunda pessoa, que existe uma diferença importante de tipo sociolinguístico entre o uso dos apelidos nas duas línguas. Se os espanhóis têm correntemente dois apelidos, um vindo do pai e o outro da mãe (assim como na maioria dos países hispano-americanos, se bem que os argentinos constituam uma excepção importante na medida em que costumam ter só um), e os portugueses até mais, acontece que no espanhol o apelido mais importante (aquele que se passa aos filhos), o do pai, é o primeiro dos dois, mas no português vem no último lugar. Por outras palavras, se o sistema espanhol é: *paterno + materno*, o português é: *materno + paterno*. Assim, se o João Fernandes Costa, residente em Coimbra, é habitualmente conhecido como João *Costa*, o seu homólogo Juan Fernández Costa, cidadão de Salamanca, reduz-se ao Juan *Fernández*. Fala-se de Cervantes (Miguel *Cervantes* Saavedra), mas de Camões (Luís Vaz de *Camões*), de Salazar (António de Oliveira *Salazar*), mas de Franco (Francisco *Franco* Bahamonde). Na prática, há, no entanto, excepções no uso espanhol, sobretudo para gente famosa cujo primeiro apelido é muito comum — assim: Federico García *Lorca* é conhecido como Lorca (ou García Lorca, mas nunca como García), Pablo Ruiz *Picasso* como Picasso, e até José Luis Rodríguez *Zapatero* como Zapatero. Por outro lado, nos dois países, a mulher casada guarda os apelidos tanto do pai como da mãe, podendo acrescentar o apelido paterno do marido, eventualmente precedido da partícula *de*.

II — O futuro do conjuntivo: arcaísmo ou moeda corrente?

Um dos aspectos do sistema verbal em que o português de hoje difere sensivelmente do espanhol é na vincada actualidade do futuro do conjuntivo. No espanhol cervantino, esta modalidade ainda fazia parte da fala corrente, encontrando-se, assim, espalhadas pelas páginas do *Dom Quixote* formas como «que yo hubiere», «que ella hablare», «cuando vinieren ellos», etc.. Hoje em dia, contudo, na língua castelhana já se tornou um fenómeno marginal, empregando-se em apenas dois contextos, ambos limitados: no registo jurídico (os códigos, etc.) e nalgumas frases feitas, como «sea quien fuere» («seja quem for»). De resto, já é um arcaísmo. Na língua portuguesa, não obstante, trata-se ainda de uma componente usual e aceite do sistema linguístico, cujo domínio é essencial para se poder falar e escrever correctamente. É moeda corrente em formulações como «venha o que vier» ou «se Deus quiser», além de ser obrigatório em determinadas estruturas sintácticas, como nas orações temporais referentes ao futuro («Quando ela chegar, aviso-te») e nas frases condicionais do chamado *primeiro tipo* («Se for possível, terminarei/termino o trabalho segunda-feira»). No espanhol dos nossos dias, estas formas são substituídas, consoante o caso, pelo presente do conjuntivo («Cuando ella llegue, te aviso») ou simplesmente pelo presente do indicativo («Si es posible, terminaré/termino el trabajo el lunes»). Podemos concluir que para a gente lusitana a temporalidade seria um assunto mais complexo e matizado do que para as pessoas de fala espanhola.

III — O uso dos verbos «ser» e «estar»: algumas variações

Sabe-se que tanto no castelhano como no português existem dois verbos, em ambos os casos *ser* e *estar*, que significam aspectos diferentes daquilo que noutras línguas é o campo semântico de um só verbo, *to be*, *être* ou *sein*. Não obstante, há algumas variações interessantes no uso respectivo do *ser* e *estar* espanhol e português. Em primeiro lugar, não é idêntica a distinção no que diz respeito à *localização geográfica*. Assim, um espanhol dirá «el pueblo de Sepúlveda *está* cerca de Segovia», mas um português, «Abrantes *é* perto de Santarém»; e se em Espanha se diz «la estación *está* muy lejos», o equivalente dizer português é «a estação *é* muito longe». Curiosas, sem dúvida, são as variações relativas a uma condição humana tão fundamental como o é o *casamento*. Pelo menos num registo corrente, se um português afirma: «*sou* casado», uma espanhola dirá: «*estoy* casada». Em termos gerais costuma-se dizer, para as duas línguas, que *ser* é utilizado para definir um estado permanente e *estar* define uma condição temporária: se neste exemplo o conceito português difere do espanhol no tocante à indissolubilidade do matrimónio, isto seria sem dúvida um assunto mais para um filósofo ou um sociólogo do que para um linguista enquanto tal. De todas as maneiras, o autor deste texto espera ter demonstrado que a tendência actual para a aproximação das duas línguas irmãs ainda está muito longe de eliminar as marcadas diferenças entre elas, essas variações profundas que são o reflexo de duas maneiras diferentes de estar no mundo através da linguagem. No entanto, será que algum dia os portugueses concluirão que do país vizinho vem, afinal, bom vento e até bom casamento?

christopher.rollason@europarl.europa.eu

IATE: que futuro?

António Mendes da Costa
Conselho da União Europeia

Introdução

No último número de «a folha» (n.º 25 – número especial) dois artigos[1] procuraram fazer o retrato do novo banco de terminologia das instituições europeias – IATE. Da leitura de um desses artigos – *IATE: nem tudo são rosas* – fica uma pergunta no ar: como irá evoluir esta base que se apresenta como uma ferramenta fundamental no apoio à redacção multilingue dos textos comunitários, em particular dos textos legislativos?

O futuro do IATE é naturalmente ditado por múltiplos factores e esses factores não funcionam isoladamente. No entanto é possível, no meu entender, identificar alguns factos, situações, ideias e intenções que poderemos considerar determinantes na evolução futura da base.

O primeiro elemento a ter em conta é a história ou mais precisamente o resultado dessa história. O que é de facto o IATE? Para sabermos por onde vai é importante sabermos donde vem. Mas um caminho é marcado por objectivos e por estratégias para alcançar esses objectivos; quem define uns e outros? Que concepção têm os decisores do que deve ser uma base de dados de terminologia? Há depois os meios, os recursos, os actores; quem são esses actores? Qual o papel dos terminólogos?

[1] Paulo Correia – *IATE: terminologia interactiva para a Europa*; Manuel Leal – *IATE: nem tudo são rosas*. http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha25_pt.pdf

São estes pontos e estas questões que procurarei sucintamente passar em revista terminando por um apontamento sobre o lugar da língua portuguesa neste cenário e um palpite sobre o que o IATE pode ou poderia ser e o que provavelmente virá a ser no curto e médio prazo.

Quem torto nasce…

Começando pelo próprio nome damo-nos conta de que IATE não é um acrónimo comum. Utilizando um neologismo inglês, IATE é um *backronym*, ou seja, numa das acepções deste neologismo, um acrónimo que mudou de casaca. IATE, que é agora «**I**nter-**A**ctive **T**erminology for **E**urope», começou por ser «**I**nter-**A**gency **T**erminology **E**xchange» pois assim o baptizou o CdT (Centro de Tradução) no seu projecto lançado em 1999 com o objectivo de criar uma infra-estrutura de informação terminológica que pudesse servir as necessidades das Agências da União, seus clientes. Ora acontece que desde 1995 se desenvolviam diligências e trabalhos concretos para a criação de uma base interinstitucional, cuja necessidade há muito se fazia sentir, e o projecto foi rapidamente recuperado e transformado. A iniciativa do CdT foi polémica mas teve o mérito de quebrar a morosidade de uma cooperação interinstitucional que não tinha apenas apoiantes incondicionais e entusiastas. Mas teve igualmente os seus custos. A urgência passou a ser a palavra de ordem e neste quadro a tese, já de si minoritária, de manter o legado constituído pelas bases das instituições participantes num «limbo», de consulta fácil e única, e partir de uma base virgem, não teve qualquer hipótese de vingar. No entanto, alimentar a nova base, segundo critérios rigorosos, a partir da revisão sistemática das antigas bases e do trabalho desenvolvido quotidianamente pelos serviços de terminologia das diferentes instituições, parecia ser a forma mais segura de se ir construindo um verdadeiro banco de terminologia.

Este quadro de urgência permitiu mesmo assim aos diferentes grupos de trabalho definir uma base com características interessantes e boas potencialidades. Tecnicamente, satisfaz as exigências de uma grande base de dados, fiável e rápida. A interactividade, que caracterizava apenas uma das bases anteriores (TIS), permite-lhe funcionar com a flexibilidade exigida por uma base dinâmica e descentralizada. A arquitectura, apesar de alguma complexidade dispensável, fruto do compromisso entre visões e sensibilidades muito diversas, de opções discutíveis, como a escolha do Eurovoc como sistema de classificação de matérias, e de certas lacunas que tardam a ser corrigidas[(2)], é uma arquitectura que permite um tratamento terminográfico adequado da informação. Se há problemas, e é claro que os há, e graves, eles concernem fundamentalmente os conteúdos e a gestão.

Big is beautiful

Muitas vezes a primeira ideia que se faz passar quando se apresenta o IATE é a ideia de grandeza: uma base de dados multilingue sem paralelo, com não sei quantos milhões de fichas e de termos e não sei quantas dezenas de línguas. Sente-se um certo culto da quantidade que condiciona toda a percepção presente e futura da base e impede de ver que esse gigantismo é mais um defeito que uma qualidade.

Em primeiro lugar o IATE não é um verdadeiro banco de terminologia. Como podemos classificá-lo como tal quando uma grande maioria dos termos nem sequer são definidos? E esses termos serão mesmo «termos»? E das definições, tiradas daqui e dacolá (as definições originais são uma minoria), quantas têm a qualidade mínima exigida e asseguram a coerência interna de cada ficha? Mais grave que o problema da multiplicação de fichas para a mesma noção (agravado e não provocado pela fusão das bases anteriores pois ele já existia no interior de cada uma destas bases e em particular do Eurodicautom) e que é normalmente referido como o grande problema, se não o único, é este baixo nível de pertinência terminológica. Sem definição e identificação clara dos conceitos torna-se praticamente impossível garantir a coerência interna de uma ficha multilingue e o utilizador não poderá fazer uma avaliação crítica da adequação do termo à noção que supostamente deve nomear.

[(2)] Uma dessas lacunas é a falta de um campo dedicado, em cada língua, para a indicação clara das datas de criação e actualização das fichas.

Conjugada esta falta de pertinência terminológica[3] com os graves problemas de fiabilidade, as numerosas duplicações cuja detecção, pela própria estrutura multilingue dos dados e a falta de indicadores nocionais claros, é extremamente complexa e lenta, chegamos a um retrato pouco lisonjeiro do IATE. Mas é um retrato realista e reconhecê-lo é a única forma de fundar políticas correctas, sendo embora evidente que tal reconhecimento torna a tomada de decisões mais complicada.

É muito mais cómodo ouvir e repetir o discurso do milhão e meio de fichas e dos oito ou nove milhões de termos do que aceitar a ideia de que desses milhões apenas uma pequena percentagem (chegará aos 20%?) satisfaz as exigências mínimas de pertinência e de fiabilidade. Estes 20% encerram muito trabalho de qualidade mas, problema suplementar, é um trabalho que se perde e descredibiliza no meio de toda esta massa.

Omelete sem ovos

O problema do IATE é antes de tudo um problema de concepção do trabalho terminológico nas instituições europeias, que constituem um universo muito heterogéneo, com dimensões, necessidades, políticas e recursos muito diferentes. Neste quadro, o que se vier a passar nas chamadas «grandes» instituições será determinante para o futuro da base. Ora, nestas últimas, após algumas tentativas de desenvolver serviços capazes de tratar terminologicamente a informação, de analisar, investigar, criticar, escolher, organizar, em suma, de produzir terminologia, encaminhamo-nos de novo para a ideia de recolher (bem?) ou comprar (bem?) «terminologia». Na melhor das hipóteses encaminhamo-nos para a documentação terminológica. Esquecendo que a actividade terminológica é fundamentalmente um trabalho de definição de conceitos, confunde-se sistematicamente palavras e listas de palavras com termos e parte-se do princípio que a terminologia já existe, já existe na sua forma acabada, e está algures: é só ir buscá-la. É neste paradigma que se insere uma grande parte do IATE e é segundo este paradigma que se pretende que todo ele funcione.

E como poderia ele funcionar de outra maneira se para tal não existem recursos? Como fazer terminologia sem terminólogos? Das instituições participantes no projecto IATE apenas a Comissão e o Conselho dispõem de serviços de terminologia específicos e com alguma dimensão. Mas os recursos humanos destes serviços são escassos e pouco profissionalizados e a reorganização em curso dos serviços de tradução, em que estão inseridos, aponta mais para o seu desmantelamento progressivo do que para o seu reforço.

A necessidade de rever e consolidar a base é reconhecida unanimemente mas todos aqueles que trabalham no terreno sabem que os meios que lhe são consagrados, e que absorvem já a maioria dos recursos disponíveis, são manifestamente insuficientes face às tarefas a realizar. Durante trinta ou quarenta anos foi-se acumulando o lixo. Para nos livrarmos dele será preciso outro tanto tempo, e na condição de mudar radicalmente as práticas de alimentação e de investir de forma consequente na limpeza e revisão. Se não se fizer uma coisa nem outra que resultado se pode esperar?

À deriva?

A evolução do modelo de gestão do IATE é uma incógnita. Uma base interactiva e descentralizada só pode funcionar correctamente se todos os intervenientes partilharem da mesma concepção do trabalho e seguirem uma metodologia comum. Como as diferenças nas práticas e nas abordagens são patentes, foi elaborado um Código de Boas Práticas que foi aprovado por todas as instituições participantes em Abril de 2005. O Código constitui um documento fundamental para a referida comunhão metodológica mas tem-se mostrado insuficiente para eliminar as divergências, até porque muitas vezes é mal interpretado e outras pura e simplesmente ignorado.

---

[3] Não falo aqui da pertinência de muitos dos termos em relação aos objectivos de uma base comunitária que, apesar de ser igualmente um problema, é muito menos grave, nem tão-pouco de eventuais problemas jurídicos e éticos ligados à propriedade intelectual, que se situam a um outro nível de análise.

Para completar esta ferramenta, que poderemos chamar de autogestão, foram criadas estruturas permanentes de coordenação entretanto substituídas ou transformadas em instâncias definidas por objectivos, os chamados «projectos». No entanto as dúvidas sobre a transparência do novo modelo e sobre a possibilidade de assegurar uma adequada gestão dos conteúdos sem recurso a estruturas estáveis não cessam de crescer. Para o trabalho de revisão, limpeza e consolidação, não existem mecanismos adequados que facilitem o trabalho cooperativo, o que significa que o carácter «interinstitucional» é muitas vezes sinal de bloqueio ou de desperdício de recursos. Neste contexto, começam a surgir tendências centrífugas, reforçadas pela ausência de um núcleo comum e evolutivo, que levam a que cada instituição seja tentada a centrar-se na sua «base» histórica como forma de ultrapassar estas dificuldades. Não penso que o IATE possa funcionar plenamente como uma base interinstitucional de terminologia sem a criação de uma estrutura permanente de gestão, uma maior integração dos serviços e o respeito integral e rigoroso do Código de Boas Práticas.

Pátria e língua

No quadro atrás descrito a situação do português não é muito diferente da das outras línguas «antigas» do IATE, sofrendo assim dos mesmos males em termos de pertinência e fiabilidade. No entanto, e pese embora a qualidade deficiente de parte do acervo, incluindo parte importante da «terminologia» produzida em Portugal no âmbito de contratos com o Eurodicautom, há que referir dois pontos positivos: proporcionalmente, há menos lixo do que no conjunto da base e, sobretudo, as fichas **pt** são seguramente das que incorporam mais trabalho terminológico, expresso, nomeadamente, por uma percentagem de definições originais claramente superior à generalidade das outras línguas.

Mesmo considerando todas as limitações, o IATE-PT, com mais de 500.000 termos (indicador muito relativo mas que define um quadro de referência), constitui a mais importante base de dados terminológicos disponível para o português, com muita informação de qualidade, que merece ser mais conhecida e apoiada. O futuro desta base está logicamente condicionado pela evolução do IATE no seu conjunto mas, seja qual for o cenário, esse futuro levanta desafios que pedem respostas. Desses desafios, que interpelam diferentes actores, gostaria de destacar o desafio da cooperação interinstitucional, o da disseminação e o da politização.

Cooperação interinstitucional

Os elementos activos no campo da terminologia portuguesa nas instituições comunitárias cedo se aperceberam da necessidade e da importância da cooperação para tratar e resolver problemas comuns. Em 1998, e dando sequência às acções informais que, sobretudo entre a Comissão e o Conselho, esboçavam já uma pequena rede de cooperação, foi criado o GITP (Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa). Depois de um período inicial particularmente activo, o voluntarismo foi vencido por um quadro estrutural pouco favorável e o Grupo entrou numa espécie de letargia. O IATE, além de uma oportunidade, constitui a ferramenta ideal para assentar a cooperação em bases sustentáveis e a dinamização já anunciada com a reactivação do GITP-Bruxelas (Comissão, Conselho , CES/CdR) deveria reconduzir-nos ao figurino original e alargado do Grupo.

Disseminação

O IATE tem uma versão interna que é utilizada principalmente por tradutores mas que deveria ser uma ferramenta familiar para todos os que participam na preparação, discussão e redacção dos textos comunitários, e em particular da legislação: redactores, juristas, técnicos e especialistas nacionais, etc..

A versão externa, acessível na Internet desde Março de 2007[4], está aberta a um público alargado e oferece a possibilidade de qualquer utilizador fazer os seus comentários ou sugestões através do correio electrónico (endereço directamente utilizável a partir de qualquer ecrã de visualização).

(4) http://iate.europa.eu.

Estes dois públicos poderão desempenhar um papel muito importante no processo de disseminação e de aceitação social da terminologia e na revisão, actualização e aperfeiçoamento da base. A sua colaboração será tanto mais preciosa quanto maior for o seu eventual empenhamento na crítica e na discussão das soluções propostas.

Politização

Politizar o IATE é introduzi-lo na esfera do poder político. Dizer que Portugal não tem uma política da língua é um lugar-comum que não deixa de exprimir uma verdade – uma política coerente e plena que não se fique pelos discursos e pelas declarações solenes e contemple a terminologia no papel fundamental que desempenha na comunicação, no desenvolvimento do saber e na difusão da informação. Mas uma política pode construir-se a partir da base. O IATE-PT, como catalisador da produção de terminologia em português, pode ser um instrumento dessa política e deve merecer a atenção de quem ocupa o poder.

O IATE existe para apoiar a redacção multilingue dos textos comunitários, ou seja, para apoiar uma comunicação clara e precisa com os cidadãos na sua própria língua. A defesa do português, neste quadro, é a defesa de um interesse particular que vai de par com a defesa do interesse geral que é aqui o multilinguismo. Mas defender o multilinguismo não é, simplesmente, reafirmar os princípios do Regulamento n.º 1, de 1958(5), é agir para que ele se torne realmente efectivo. Duas instituições têm particular responsabilidade nesta matéria: o Parlamento Europeu e o Conselho da União Europeia. Há entre os deputados europeus figuras públicas no domínio da língua e quem se mostre particularmente atento (nomeadamente através de perguntas parlamentares) à qualidade dos textos e da terminologia. Estão eles sensibilizados para o papel do IATE e, por extensão, dos serviços de terminologia e de tradução, na defesa do português e do multilinguismo? E consideram os representantes portugueses nas diversas instâncias do Conselho, nomeadamente no Comité Orçamental, que é também ou sobretudo a esse nível que se faz a defesa da língua?

Conclusão: o possível e o previsível

Quando há vinte, trinta, quarenta anos se foram criando as bases de dados em que assenta o IATE actual, não existiam as possibilidades de hoje no que diz respeito à disponibilização electrónica da informação (grandes bases textuais, memórias de tradução, Internet, etc.). Isso explica a verdadeira utilidade que lhes era atribuída e explica também, embora talvez o não justifique, a aceitabilidade de certas práticas de alimentação. Actualmente, em que a facilidade de acesso às mais variadas fontes de informação não deixa de aumentar, uma base de terminologia bruta deixou de ter qualquer interesse. A utilidade e a mais-valia do IATE futuro só pode vir de uma terminologia elaborada e original. E uma base destas é possível. É possível se tal for definido muito claramente como objectivo e se forem disponibilizados os meios necessários para alcançar esse objectivo. Mas, aparentemente simples, a questão não o é realmente porque tudo isto implica profundas alterações na própria concepção do trabalho terminológico nas instituições comunitárias e mesmo na concepção do trabalho de tradução (que não deveria ser visto como uma operação técnica autónoma e segregada do processo intelectual de produção de documentos e deveria conceber-se como um componente bem integrado da redacção multilingue).

O futuro do IATE está assim intimamente ligado ao futuro e à evolução dos serviços de terminologia das instituições. Se estes se mantiverem (ou forem criados), se reforçarem e se profissionalizarem, o IATE poderá transformar-se, a prazo, numa verdadeira base de terminologia, adaptada às necessidades e verdadeiramente útil a um vasto mundo de utilizadores externos. Mas esta é a grande interrogação: irão esses serviços manter-se, reforçar-se e profissionalizar-se? Nada é menos seguro!

Antonio.Mendes-da-Costa@consilium.europa.eu

(5) Regulamento n.º 1 (CEE e CECA) de 15.04.1958, que estabelece o regime linguístico. Versão consolidada: http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/consleg/1958/R/01958R0001-20070101-pt.pdf.

A digitação dos caracteres chineses

收件者 *(Simon - Tang Chi Choi)*[(1)]
Região Administrativa Especial de Macau da RPC

Na China, até 1949, usava-se apenas os caracteres chineses tradicionais. Contudo com a implantação da Nova China, ou seja, da República Popular da China, os caracteres chineses sofreram grandes alterações no sentido de uma simplificação. Para o efeito, foi criada uma «Comissão de Reforma da Escrita Chinesa» com o objectivo simplificar e uniformizar os caracteres, bem como promover a sua utilização[(2)].

Devido a razões históricas, Taiwan, Macau e Hong Kong continuaram a usar os caracteres chineses tradicionais. Porém, os últimos dois poderão vir a abandonar o uso dos caracteres chineses tradicionais no final dos 50 anos de entrada em vigor das respectivas Leis Básicas.

Para a escrita do chinês no computador, ou seja, para a digitação dos milhares de caracteres chineses, a República Popular da China e Taiwan desenvolveram formas diferentes e formas idênticas. Referem-se de seguida três dos métodos mais comuns:

- zhuyin fuhao
- pinyin
- cangjie

Métodos baseados na pronúncia

Quer a República Popular da China quer Taiwan adoptaram formas de escrita fonética das sílabas, como por exemplo: bo, po, mo, fo, etc., tal como no português, mas usando símbolos diferentes. Assim, em Taiwan utilizam-se os símbolos fonéticos, ㄅ, ㄆ, ㄇ, ㄈ, etc. (o **zhuyin fuhao**)[(3)], enquanto na República Popular da China se utiliza o alfabeto latino, com bō, pō, mō, fò, etc. (o **pinyin**)[(4)].

Quando se conhece o chinês, usar a escrita fonética é muito fácil. Porém, quando se encontra uma palavra (ou seja um carácter) que nunca se aprendeu, então não se pode escrevê-la foneticamente, sendo a única solução consultar o dicionário para saber a pronúncia. É um dos defeitos da escrita fonética como método de digitação dos caracteres chineses.

Além disso, há em chinês muitas palavras homófonas. Quando se usa a escrita fonética, tem que se escolher de entre a lista de caracteres propostos aquele que se pretende.

Em conclusão, a escrita fonética é uma forma de digitação que segue a pronúncia do chinês padrão.

Métodos baseados na estrutura dos caracteres

Por outro lado, em Taiwan, há ainda múltiplas formas de escrever o chinês no computador com base na estrutura dos caracteres. Porém basta aprender uma só forma para não as confundir.

---

(1) Tradutor.
(2) Ver também: http://pt.wikipedia.org/wiki/Caracteres_chineses.
(3) O zhuyin fuhao (注音符號, zhùyīn fúhào), também chamado «bopomofo» é o nome dado a um alfabeto chinês (código ISO 15924), criado para transcrever o mandarim (ver também: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bopomofo).
(4) O pinyin (拼音, pīnyīn) é o sistema de romanização usado oficialmente na República Popular da China para transcrever, no alfabeto latino, o dialecto mandarim padrão da língua chinesa (ver também: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinyin).

Uma mais antiga é o **cangjie**[5], que foi inventado, em 1976, por um taiwanês nascido na China continental chamado Chu Bong-Foo, ou Chu Banfu em pinyin. Segundo a tradição foi Cangjie, figura lendária, quem criou a escrita chinesa.

O invento decompõe geometricamente, ou descodifica, o carácter em rasgos, isto é em elementos básicos[6], e engloba-os em 26 teclas (a cada rasgo corresponde uma letra do alfabeto latino). A cada tecla podem corresponder vários rasgos, sendo preciso memorizar todos, caso contrário não se pode escrever chinês no computador. Esta forma de digitação é relativamente difícil mesmo para os próprios chineses.

Em conclusão, o cangjie é uma forma de digitação a partir dos rasgos, ou seja, da própria estrutura da escrita do chinês.

Base de caracteres chineses,* software *e teclados

Para escrever os caracteres chineses no computador, além de se instalar o método de digitação, há ainda que instalar uma base de caracteres chineses. A mesma comporta geralmente 13.865 caracteres mais usados. Contudo, o número total dos caracteres chineses pode ser superior a 50 mil ou até 90 mil de acordo com os diferentes dicionários e regionalismos.

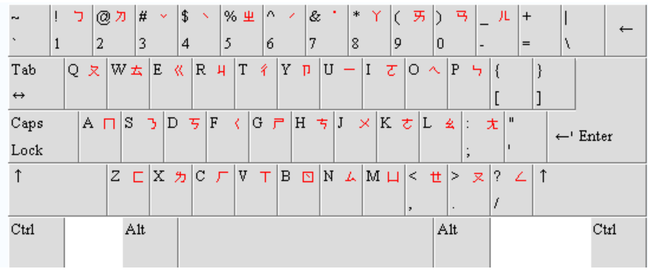
Sem a base, não se tem acesso aos caracteres, e se um determinado carácter não existir na base também não aparece nada (pode verificar-se esta situação quando se pretende escrever caracteres muito pouco usados no dia-a-dia, tais como termos químicos, gentílicos, etc.). Esta situação não se assemelha à de outras línguas, como o português, ou o inglês, em que se pode escrever, ou inventar, palavras que não se encontram no dicionário.

A República Popular da China e Taiwan desenvolvem o *software*, respectivamente, em caracteres simplificados e tradicionais. Porém, o pinyin chinês e o cangjei de Taiwan são actualmente compatíveis. Pode instalar-se o pinyin no *software* de Taiwan de caracteres tradicionais e vice-versa, sem problema.

Por fim, o teclado chinês é igual ao QWERTY inglês, só que nas teclas, aparecem também caracteres ou símbolos.

Na Wikipédia podem ser encontradas informações complementares em:
http://en.wikipedia.org/wiki/Chinese_input_methods_for_computers

simaotang@gmail.com



Teclado zhuyin fuhao

(5) Ver também: http://en.wikipedia.org/wiki/Cangjie_method.
(6) Não confundir com os radicais tradicionais Kangxi (em número de 214) utilizados, por exemplo, para a indexação das entradas nos dicionários chineses.



Teclado cangjie

Elementos químicos — lista multilingue

Luís Costa, Ana Garrido, Paulo Correia
Direcção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Com a colaboração de Tang Chi Choi, tradutor]

Um recente alerta da Organização Mundial de Saúde para a presença de níveis elevados de «**arsenic** in drinking water» apareceu referido em muita comunicação social portuguesa como um problema de contaminação da água potável pelo **arsénico** em vez de contaminação pelo **arsénio**. Além do arsénio, também, por exemplo, o flúor, o silício, o cloro, o bromo, o iodo ou o astato são frequentemente traduzidos por falsos cognatos inglês-português(1).

Igualmente preocupante é o facto de este tipo de erros aparecer por vezes em conteúdos alojados em servidores de universidades portuguesas. Curiosamente, a Wikipédia conta-se entre as fontes mais fiáveis da Web em língua portuguesa. Na Wikipédia convivem lado a lado variantes portuguesas e brasileiras correctas da totalidade dos elementos químicos.

Este panorama leva-nos a proceder à republicação de uma lista multilingue dos elementos químicos(2), correspondente ao uso recomendado na Direcção-Geral da Tradução da Comissão Europeia, a qual é completada com comentários que chamam a atenção para alguns aspectos que frequentemente suscitam dúvidas nas traduções.

Em relação à anterior edição da lista, com as designações em português, inglês, francês, alemão e espanhol, acrescentaram-se:

- as variantes em português do Brasil(3);
- os termos em chinês (caracteres simplificados e clássicos);
- o número das fichas IATE onde poderão encontrar-se as designações dos elementos químicos nas 23 línguas oficiais da União Europeia.

Na **parte 1** da lista são indicados os símbolos químicos e designações dos elementos químicos com número atómico até 111. Para os elementos de número atómico entre 104 e 111, que receberam

(1) De salientar que uma breve pesquisa revelou não haver praticamente qualquer «contaminação» das memórias de tradução da Comissão Europeia pelo «arsénico», «cromo» ou «bromina», havendo uma pequena contaminação residual pelo «silicone» e uma contaminação grave pela «astatina» (problema entretanto resolvido!).
(2) Anteriormente publicada, em 1994, no n.º 6 de «a folha».
(3) Se se excluírem as diferenças resultantes da pronúncia, apenas varia a designação usual dos gases nobres (neônio, argônio, criptônio, xenônio, radônio) e do azoto (nitrogênio) — cf. Wikipédia.

entretanto designações oficiais da IUPAC[(4)], a lista foi actualizada tendo em conta as propostas da comissão conjunta luso-brasileira para a nomenclatura dos elementos químicos, publicadas pela Sociedade Portuguesa de Química (SPQ)[(5)]. Na **parte 2** são apresentadas as designações provisórias dos elementos de número atómico entre 112 e 118.

Ana.Lorenzo-Garrido@ec.europa.eu
Luis-Miguel.Costa@ec.europa.eu
Paulo.Correia@ec.europa.eu

Lista ordenada por número atómico

Parte 1 — Símbolos químicos e designações

		pt	en	fr	de	es	zh	IATE
1	H	**hidrogénio**[(6)] / hidrogênio	hydrogen	hydrogène	Wasserstoff	hidrógeno	氢 / 氫	1104609
2	He	**hélio**	helium	hélium	Helium	helio	氦	1104610
3	Li	**lítio**	lithium	lithium	Lithium	litio	锂 / 鋰	1104611
4	Be	**berílio**	beryllium	béryllium	Beryllium	berilio	铍 / 鈹	1350430
5	B	**boro**	boron	bore	Bor	boro	硼	1552300
6	C	**carbono**	carbon	carbone	Kohlenstoff	carbono	碳	1104612
7	N	**azoto**[(7)] / nitrogênio	nitrogen	azote	Stickstoff	nitrógeno	氮	1104613
8	O	**oxigénio** / oxigênio	oxygen	oxygène	Sauerstoff	oxígeno	氧	1104614
9	F	**flúor**[(8)]	fluorine	fluor	Fluor	flúor	氟	1104615
10	Ne	**néon**[(9)] / neônio	neon	néon	Neon	neón	氖	1411342
11	Na	**sódio**	sodium	sodium	Natrium	sodio	钠 / 鈉	1104616
12	Mg	**magnésio**	magnesium	magnésium	Magnesium	magnesio	镁 / 鎂	1104617
13	Al	**alumínio**	aluminium	aluminium	Aluminium	aluminio	铝 / 鋁	953291
14	Si	**silício**[(10)]	silicon	silicium	Silicium	silicio	硅	1083691
15	P	**fósforo**	phosphorus	phosphore	Phosphor	fósforo	磷	1555038
16	S	**enxofre**	sulfur	soufre	Schwefel	azufre	硫	1104618
17	Cl	**cloro**[(11)]	chlorine	chlore	Chlor	cloro	氯	1104619
18	Ar	**árgon**[(12)] / argônio	argon	argon	Argon	argón	氩 / 氬	1104620
19	K	**potássio**	potassium	potassium	Kalium	potasio	钾 / 鉀	1104621

---

(4) Cf. http://www.iupac.org/reports/periodic_table/IUPAC_Periodic_Table-22Jun07b.pdf — IUPAC, *Periodic Table of the Elements*, versão de 22 de Junho de 2007.
(5) Cf. http://www.spq.pt/docs/NomesSimbolos_Elementos.pdf — SPQ, *Nomes, símbolos e números atómicos dos elementos*.
(6) O elemento hidrogénio possui três isótopos: o mais comum, o «prótio» (cujo núcleo atómico é constituído por um protão), o «deutério» (cujo núcleo atómico é constituído por um protão e um neutrão) e o «trítio» (cujo núcleo atómico é constituído por um protão e dois neutrões). Os dois últimos são radioactivos.
(7) Sinónimo: «nitrogénio» (SPQ); «azoto» ou «nitrogénio» como raiz das palavras derivadas «nitroso», «nítrico», «nitrato», «nitrogenado» ou «azotado».
(8) Falso cognato: *fluorine* é «flúor» (elemento dito «halogéneo») e não «fluorina» (sinónimo de «fluorite», sal dito «halogeneto». *Fluoride* é «fluoreto» (sal dito «halogeneto»).
(9) Variante: «neónio».
(10) Falso cognato: *silicon* é «silício» e não «silicone», que é a designação geral de uma família de compostos poliméricos de silício.
(11) Falso cognato: *chlorine* é «cloro» (elemento dito «halogéneo»). *Chloride* é «cloreto» (sal dito «halogeneto»).
(12) Variantes: «argónio» ou «argo».

		pt	en	fr	de	es	zh	IATE
20	Ca	**cálcio**	calcium	calcium	Calcium	calcio	钙 / 鈣	1104622
21	Sc	**escândio**	scandium	scandium	Scandium	escandio	钪 / 鈧	1104623
22	Ti	**titânio**	titanium	titane	Titan	titanio	钛 / 鈦	1104624
23	V	**vanádio**	vanadium	vanadium	Vanadium	vanadio	钒 / 釩	1104625
24	Cr	**crómio**[13] / crômio	chromium	chrome	Chrom	cromo	铬 / 鉻	1104626
25	Mn	**manganês**[14]	manganese	manganèse	Mangan	manganeso	锰 / 錳	1104627
26	Fe	**ferro**	iron	fer	Eisen	hierro	铁 / 鐵	1104628
27	Co	**cobalto**	cobalt	cobalt	Kobalt	cobalto	钴 / 鈷	1104629
28	Ni	**níquel**	nickel	nickel	Nickel	níquel	镍 / 鎳	1104630
29	Cu	**cobre**	copper	cuivre	Kupfer	cobre	铜 / 銅	1552743
30	Zn	**zinco**	zinc	zinc	Zink	cinc	锌 / 鋅	1104631
31	Ga	**gálio**	gallium	gallium	Gallium	galio	镓 / 鎵	1104632
32	Ge	**germânio**	germanium	germanium	Germanium	germanio	锗 / 鍺	1553795
33	As	**arsénio**[15] / arsênio	arsenic	arsenic	Arsen	arsénico	砷	1552113
34	Se	**selénio** / selênio	selenium	sélénium	Selen	selenio	硒	1104633
35	Br	**bromo**[16]	bromine	brome	Brom	bromo	溴	1104634
36	Kr	**crípton**[17] / criptônio	krypton	krypton	Krypton	kriptón	氪	1104635
37	Rb	**rubídio**	rubidium	rubidium	Rubidium	rubidio	铷 / 銣	1104636
38	Sr	**estrôncio**	strontium	strontium	Strontium	estroncio	锶 / 鍶	1104637
39	Y	**ítrio**	yttrium	yttrium	Yttrium	itrio	钇 / 釔	1104638
40	Zr	**zircónio** / zircônio	zirconium	zirconium	Zirkonium	circonio	锆 / 鋯	1104639
41	Nb	**nióbio**	niobium	niobium	Niob	niobio	铌 / 鈮	1104640
42	Mo	**molibdénio** / molibdênio	molybdenum	molybdène	Molybdän	molibdeno	钼 / 鉬	1411340
43	Tc	**tecnécio**	technetium	technétium	Technetium	tecnecio	锝 / 鍀	1104641
44	Ru	**ruténio** / rutênio	ruthenium	ruthénium	Ruthenium	rutenio	钌 / 釕	1104642
45	Rh	**ródio**	rhodium	rhodium	Rhodium	rodio	铑 / 銠	1104643
46	Pd	**paládio**	palladium	palladium	Palladium	paladio	钯 / 鈀	1104644
47	Ag	**prata**	silver	argent	Silber	plata	银 / 銀	1545601
48	Cd	**cádmio**	cadmium	cadmium	Cadmium	cadmio	镉 / 鎘	1104645
49	In	**índio**	indium	indium	Indium	indio	铟 / 銦	1554054
50	Sn	**estanho**	tin	étain	Zinn	estaño	锡 / 錫	1104646
51	Sb	**antimónio** / antimônio	antimony	antimoine	Antimon	antimonio	锑 / 銻	1552106
52	Te	**telúrio**	tellurium	tellure	Tellur	telurio	碲	1104647

(13) Variante: «cromo».
(14) Variante: «manganésio» (pode causar confusões com «magnésio»).
(15) Falso cognato: *arsenic* é «arsénio» e não «arsénico», designação imprecisa atribuída a alguns compostos de arsénio.
(16) Falso cognato: *bromine* é «bromo» (elemento dito «halogéneo») e não «bromina». *Bromide* é «brometo» (sal dito «halogeneto»).
(17) Variantes: «criptónio» ou «cripto».

		pt	en	fr	de	es	zh	IATE
53	I	**iodo**(18)	iodine	iode	Jod	yodo	碘	1104648
54	Xe	**xénon**(19) / xenônio	xenon	xénon	Xenon	xenón	氙	1104649
55	Cs	**césio**	caesium	césium	Cäsium	cesio	铯 / 銫	1104650
56	Ba	**bário**	barium	baryum	Barium	bario	钡 / 鋇	1104651
57	La	**lantânio**	lanthanum	lanthane	Lanthan	lantano	镧 / 鑭	1104652
58	Ce	**cério**	cerium	cérium	Cer	cerio	铈 / 鈰	1104653
59	Pr	**praseodímio**	praseodymium	praséodyme	Praesodym	praseodimio	镨 / 鐠	1104654
60	Nd	**neodímio**	neodymium	néodyme	Neodym	neodimio	钕 / 釹	1104655
61	Pm	**promécio**	promethium	prométhium	Promethium	prometio	钷 / 鉕	1104656
62	Sm	**samário**	samarium	samarium	Samarium	samario	钐 / 釤	1104657
63	Eu	**európio**	europium	europium	Europium	europio	铕 / 銪	1104658
64	Gd	**gadolínio**	gadolinium	gadolinium	Gadolinium	gadolinio	钆 / 釓	1104659
65	Tb	**térbio**	terbium	terbium	Terbium	terbio	铽 / 鋱	1104660
66	Dy	**disprósio**	dysprosium	dysprosium	Dysprosium	disprosio	镝 / 鏑	1104661
67	Ho	**hólmio**	holmium	holmium	Holmium	holmio	钬 / 鈥	1104662
68	Er	**érbio**	erbium	erbium	Erbium	erbio	铒 / 鉺	1104663
69	Tm	**túlio**	thulium	thulium	Thulium	tulio	铥 / 銩	1104664
70	Yb	**itérbio**	ytterbium	ytterbium	Ytterbium	iterbio	镱 / 鐿	1104665
71	Lu	**lutécio**	lutetium	lutétium	Lutetium	lutecio	镥 / 鑥	1104666
72	Hf	**háfnio**	hafnium	hafnium	Hafnium	hafnio	铪 / 鉿	1104667
73	Ta	**tântalo**	tantalum	tantale	Tantal	tántalo	钽 / 鉭	1555976
74	W	**tungsténio**(20) / tungstênio	tungsten	tungstène	Wolfram	volframio	钨 / 鎢	1104668
75	Re	**rénio** / rênio	rhenium	rhénium	Rhenium	renio	铼 / 錸	1104669
76	Os	**ósmio**	osmium	osmium	Osmium	osmio	锇 / 鋨	1104670
77	Ir	**irídio**	iridium	iridium	Iridium	iridio	铱 / 銥	1104671
78	Pt	**platina**	platinum	platine	Platin	platino	铂 / 鉑	1104672
79	Au	**ouro**	gold	or	Gold	oro	金	1573190
80	Hg	**mercúrio**	mercury	mercure	Quecksilber	mercurio	汞	1104673
81	Tl	**tálio**	thallium	thallium	Thallium	talio	铊 / 鉈	1104674
82	Pb	**chumbo**	lead	plomb	Blei	plomo	铅 / 鉛	1104675
83	Bi	**bismuto**	bismuth	bismuth	Wismut	bismuto	铋 / 鉍	1104676
84	Po	**polónio** / polônio	polonium	polonium	Polonium	polonio	钋 / 釙	1104677
85	At	**astato**(21)	astatine	astate	Astat	astato	砹	1104678
86	Rn	**rádon**(22) / radônio	radon	radon	Radon	radón	氡	1411354

(18) Falso cognato: *iodine* é «iodo» (elemento dito «halogéneo») e não «iodina». *Iodide* é «iodeto» (sal dito «halogeneto»).
(19) Variantes: «xenónio» («xenônio») ou «xeno».
(20) Variante: «volfrâmio».
(21) Variantes: «astatínio» (SPQ) ou «ástato». Falso cognato: *astatine* é «astato» e não «astatino» ou «astatina».
(22) Variantes: «radónio» ou «radão».

		pt	en	fr	de	es	zh	IATE
87	Fr	**frâncio**	francium	francium	Francium	francio	钫 / 鍅	1104679
88	Ra	**rádio**	radium	radium	Radium	radio	镭 / 鐳	1104680
89	Ac	**actínio**	actinium	actinium	Actinium	actinio	锕 / 錒	1104681
90	Th	**tório**	thorium	thorium	Thorium	torio	钍 / 釷	1104682
91	Pa	**protactínio**	protactinium	protoactinium	Protactinium	protactinio	镤 / 鏷	1104683
92	U	**urânio**	uranium	uranium	Uran	uranio	铀 / 鈾	1104684
93	Np	**neptúnio**	neptunium	neptunium	Neptunium	neptunio	镎 / 錼	1104685
94	Pu	**plutónio** / plutônio	plutonium	plutonium	Plutonium	plutonio	钚 / 鈽	1104686
95	Am	**amerício**	americium	américium	Americium	americio	镅 / 鋂	1104687
96	Cm	**cúrio**	curium	curium	Curium	curio	锔 / 鋦	1104688
97	Bk	**berquélio**	berkelium	berkélium	Berkelium	berkelio	锫 / 鉳	1104689
98	Cf	**califórnio**	californium	californium	Californium	californio	锎 / 鐦	1104690
99	Es	**einsténio**[23] / einstênio	einsteinium	einsteinium	Einsteinium	einstenio	锿 / 鑀	1104691
100	Fm	**férmio**	fermium	fermium	Fermium	fermio	镄 / 鐨	1104692
101	Md	**mendelévio**	mendelevium	mendélévium	Mendelevium	mendelevio	钔 / 鍆	1104693
102	No	**nobélio**	nobelium	nobélium	Nobelium	nobelio	锘 / 鍩	1104694
103	Lr	**laurêncio**	lawrencium	lawrencium	Lawrencium	laurencio	铹 / 鐒	1104695
104	Rf	**rutherfórdio**[24]	rutherfordium	rutherfordium	Rutherfordium	rutherfordio	鑪	1899395
105	Db	**dúbnio**[25]	dubnium	dubnium	Dubnium	dubnio	【金+杜】	1899396
106	Sg	**seabórgio**[26]	seaborgium	seaborgium	Seaborgium	seaborgio	【金+喜】	1899397
107	Bh	**bóhrio**[27]	bohrium	bohrium	Bohrium	bohrio	【金+波】	1899398
108	Hs	**hássio**[28]	hassium	hassium	Hassium	hassio	【金+黑】	1899399
109	Mt	**meitenério**[29]	meitnerium	meitnérium	Meitnerium	meitnerio	【金+麥】	1899400
110	Ds	**darmstácio**[30]	darmstadtium	darmstadtium	Darmstadtium	darmstadtio	鐽	2244895
111	Rg	**roentgénio**[31] / roentgênio	roentgenium	roentgenium	Roentgenium	roentgenio	錀	1265898

Parte 2 — Símbolos químicos e designações provisórias

		pt	en	fr	de	es	zh	IATE
112	Uub	**unúmbio**	ununbium	ununbium	ununbium	ununbio	-	1265899
113	Uut	**unúntrio**	ununtrium	ununtrium	Ununtrium	ununtrio	-	2244953
114	Uuq	**ununquádio**	ununquadium	ununquadium	Ununquadium	ununquadio	-	1265900
115	Uup	**ununpêntio**	ununpentium	ununpentium	Ununpentium	ununpentio	-	2244958
116	Uuh	**unun-héxio**	ununhexium	ununhexium	Ununhexium	ununhexio	-	1265901
117	Uus	**ununséptio**	ununseptium	ununseptium	Ununseptium	ununseptio	-	2222720
118	Uuo	**ununóctio**	ununoctium	ununoctium	Ununoctium	ununoctio	-	1899406

(23) Variante: «einstêinio» (IATE).
(24) Derivado de *Rutherford*; anteriormente, «unilquádio».
(25) Derivado de *Dubna*; anteriormente, «unilpêntio».
(26) Derivado de *Seaborg*; anteriormente, «unil-héxio». Variante: «seabórguio» (IATE).
(27) Derivado de *Bohr*; anteriormente, «unilséptio».
(28) Derivado de *Hessen*; anteriormente, «uniulóctio».
(29) Derivado de *Meitner*; anteriormente, «unilénio» / «unilênio». Variante: «meitnério» (IATE).
(30) Derivado de *Darmstadt*; anteriormente, «ununnílio». Variante: «darmstádtio» (IATE).
(31) Derivado de *Roentgen*; anteriormente, «ununúnio».

Regiões dos 27 — Bulgária e Roménia

Paulo Correia
Direcção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Com a colaboração de Totka Kukova e Nazaré Vinha, Direcção-Geral da Tradução — Comissão Europeia]

Com o alargamento de 1 de Janeiro de 2007 torna-se necessário completar a lista das regiões dos Estados-Membros com as regiões búlgaras e romenas correspondentes aos três níveis mais elevados da classificação NUTS (nomenclatura das unidades territoriais estatísticas) do Eurostat(1).

Uma primeira conclusão relativa aos dois novos Estados-Membros é que poucas regiões NUTS dispõem de aportuguesamentos consagrados. Nos casos em que não há aportuguesamento, adopta-se a seguinte abordagem:

- utilizando o **búlgaro** o alfabeto cirílico(2), chama-se a atenção para a existência de uma transliteração para caracteres latinos de acordo com a norma ISO 9/1995 (muito pouco utilizada) e avança-se uma proposta de transcrição para o português, que se distingue nalguns casos da transcrição para o inglês, frequentemente confundida com a «transliteração oficial»(3) do búlgaro;

- utilizando o **romeno** um alfabeto latino(4), propõe-se a manutenção dos diacríticos, mesmo daqueles que podem ser menos familiares(5), de acordo com o critério já adoptado na *Lista das regiões dos Quinze* do Código de Redacção Interinstitucional, por exemplo, no caso de diacríticos específicos das línguas escandinavas(6).

Esta lista é uma proposta para o uso nas instituições europeias — instituições vincadamente multilingues —, não tendo qualquer carácter normativo. A lista foi apresentada ao grupo de trabalho de toponímia do Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa (GITP).

Na lista, as entradas NUTS1 são assinaladas a negrito, seguidas das entradas NUTS2 e NUTS3 nelas compreendidas. As regiões NUTS dos diferentes Estados-Membros sofrem regularmente alterações. A lista actualizada das regiões NUTS pode ser consultada, na(s) língua(s) oficiais de cada país, em:
http://ec.europa.eu/eurostat/ramon/nuts/codelist_en.cfm?list=nuts

(1) As listas correspondentes aos países do alargamento de 1 de Maio de 2004 foram publicadas em anteriores números de «a folha»: n.º 19 (Chipre, República Checa, Estónia, Hungria e Lituânia e n.º 20 (Letónia, Malta, Polónia, Eslovénia e Eslováquia:
http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha19_pt.pdf
http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha20_pt.pdf
(2) Cf. Wikipédia, http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_cir%C3%ADlico
(3) No sítio http://transliteration.mdaar.government.bg do governo búlgaro, é possível obter «transliterações» de caracteres latinos para cirílicos e vice-versa. Na realidade trata-se de transcrições de e para o inglês e não de transliterações.
(4) Cf. Wikipédia, http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_romeno
(5) Regressar-se-á num próximo número de «a folha» à questão do valor dos diacríticos das diferentes línguas dos países dos alargamentos de 2004 e 2007 da UE.
(6) http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000900.htm

BULGÁRIA (BG)

Código	*bg*	*bg* *(transliteração ISO 9/1995)*	*pt* *(traduções e transcrições para português)*
BG3	**Северна Източна България**	**Severna Iztočna B"lgariâ**	**Bulgária do Norte e Oriental**
BG31 BG311 BG312 BG313 BG314 BG315	Северозападен: Видин Монтана Враца Плевен Ловеч	Severozapaden: Vidin Montana Vraca Pleven Loveč	Noroeste: Vidin Montana Vratsa Pleven Lovetch(7)
BG32 BG321 BG322 BG323 BG324 BG325	Северен централен: Велико Търново Габрово Русе Разград Силистра	Severen centralen: Veliko T"rnovo Gabrovo Ruse Razgrad Silistra	Norte Central: Grande Tarnovo Gabrovo Russe(8) Razgrad Silistra
BG33 BG331 BG332 BG333 BG334	Североизточен Варна Добрич Шумен Търговище	Severoiztočen: Varna Dobrič Šumen T"rgoviŝe	Nordeste: Varna Dobritch(9) Chumen(10) Targovichte(11)
BG34 BG341 BG342 BG343 BG344	Югоизточен: Бургас Сливен Ямбол Стара Загора	Ûgoiztočen: Burgas Sliven Âmbol Stara Zagora	Sudeste: Burgas Sliven Iambol(12) Velha Zagora
BG4	**Югозападна и Южна централна България**	**Ûgozapadna i Ûžna centralna B"lgariâ**	**Bulgária do Sudoeste e do Sul Central**
BG41 BG411 BG412 BG413 BG414 BG415	Югозападен: София (столица) София Благоевград Перник Кюстендил	Ûgozapaden: Sofiâ (stolica) Sofiâ Blagoevgrad Pernik Kûstendil	Sudoeste: Sófia (capital) Sófia Blagoevgrad Pernik Kiustendil(13)
BG42 BG421 BG422 BG423 BG424 BG425	Южен централен: Пловдив Хасково Пазарджик Смолян Кърджали	Ûzhen centralen: Plovdiv Haskovo Pazardžik Smolân K"rdžali	Sul Central: Plovdiv Haskovo Pazardjik(14) Smolian(15) Kardjali(16)

(7) *Lovech* em inglês.
(8) *Ruse* em inglês.
(9) *Dobrich* em inglês.
(10) *Shumen* em inglês.
(11) *Targovishte* em inglês.
(12) *Yambol* em inglês.
(13) *Kyustendil* em inglês.
(14) *Pazardzhik* em inglês.
(15) *Smolyan* em inglês.

ROMÉNIA (RO)

Código	***ro***	***pt***
RO1	**Macroregiunea unu**	**Macrorregião um**
RO11 RO111 RO112 RO113 RO114 RO115 RO116	Nord-Vest: Bihor Bistrița-Năsăud Cluj Maramureş Satu Mare Sălaj	Noroeste: Bihor Bistrița-Năsăud Cluj Maramureş Satu Mare Sălaj
RO12 RO121 RO122 RO123 RO124 RO125 RO126	Centru: Alba Braşov Covasna Harghita Mureş Sibiu	Centro: Alba Braşov Covasna Harghita Mureş Sibiu
RO2	**Macroregiunea doi**	**Macrorregião dois**
RO21 RO211 RO212 RO213 RO214 RO215 RO216	Nord-Est: Bacău Botoşani Iaşi Neamț Suceava Vaslui	Nordeste: Bacău Botoşani Iaşi Neamț Suceava Vaslui
RO22 RO221 RO222 RO223 RO224 RO225 RO226	Sud-Est: Brăila Buzău Constanța Galați Tulcea Vrancea	Sudeste: Brăila Buzău Constança Galatz Tulcea Vrancea
RO3	**Macroregiunea trei**	**Macrorregião três**
RO31 RO311 RO312 RO313 RO314 RO315 RO316 RO317	Sud - Muntenia: Argeş Călăraşi Dâmbovița Giurgiu Ialomița Prahova Teleorman	Sul-Munténia: Argeş Călăraşi Dâmbovița Giurgiu Ialomița Prahova Teleorman
RO32 RO321 RO322	Bucureşti - Ilfov: Bucureşti Ilfov	Bucareste - Ilfov: Bucareste Ilfov
RO4	**Macroregiunea patru**	**Macrorregião quatro**

[16] *Kardzhali* em inglês.

RO41 RO411 RO412 RO413 RO414 RO415	Sud-Vest Oltenia: Dolj Gorj Mehedinți Olt Vâlcea	Sudoeste Olténia: Dolj Gorj Mehedinți Olt Vâlcea
RO42 RO421 RO422 RO423 RO424	Vest: Arad Caraş-Severin Hunedoara Timiş	Oeste: Arad Caraş-Severin Hunedoara Timiş

Paulo.Correia@ec.europa.eu

Português para Estrangeiros
Idiossincrasias curiosas da língua portuguesa

Augusto Múrias
Parlamento Europeu

Arquitectura e Expressividade (II)[(1)]

Este título não incide sobre o cliché tão em voga *arquitectura institucional*, que, afinal, dificilmente se distingue de *engenharia institucional*. Incide, sim, sobre um manancial, necessariamente incompleto, de expressões e vocábulos que, inspirando-se na arquitectura, conferem ao discurso a sua singular expressividade.

Obra de fachada — intervenção na aparência, muito superficial, num registo coloquial, remetendo *para inglês ver*[(2)]. O seguinte exemplo — tal como os demais retirado da Internet — ilustra bem a contaminação entre a acepção literal e figurada desta expressão:

> *Milhares, dezenas de milhares de famílias lisboetas vivem em casas degradadas e a necessitar de reabilitação. Ora esta foi mais uma das bandeiras da actual maioria. Acções de propaganda, aliás, não faltam neste sector. Responsáveis da Câmara enchem a boca com a reabilitação urbana.*
> *Mas a realidade é bem mais dura.*
> *As reabilitações são só de fachada: atrás das telas não há reabilitação, mas sim operações de propaganda. Que dizer de uma chamada reabilitação urbana que deixa as casas por dentro tal e qual, inabitáveis, mas pinta as fachadas? Assim é fácil apresentar números, mas atrás de muitos dos panos e telas que dizem «Aqui vamos restaurar», não há mesmo nada.*
> *É de facto só fachada.*

Vem aqui a propósito referir que a base de dados interinstitucional Euramis regista os termos *sociedades/empresas de fachada* (en: *brass plate firms/companies*) e *sociedade de fachada* (en: *front company*).

[(1)] Continuação do artigo do n.º 24 desta publicação: http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha24_pt.pdf.

[(2)] Em francês fala-se, numa acepção que é próxima, em *opération de fassade;* it: *operazione de facciata.*

Mamarracho — construção de proporções grandes e desagradáveis[3]:

> *Todos os habitantes pensavam que junto à lendária fonte das três bicas ficaria um jardim, o que se passou porém é que vemos com enorme surpresa crescer mais um* ***mamarracho*** *que tapa toda a vista a tudo e a todos.*

Esta construção desenquadra-se por conseguinte do seu meio arquitectónico e paisagístico:

> *O único «crime» urbanístico constitui o «Hotel Navigator»* (sic!), *um* ***mamarracho*** *de betão plantado no ponto mais alto de Sagres, mesmo ao lado da «Pousada do Infante». Outra brutalidade é a sumptuosa vivenda mandada construir por um cidadão holandês, mesmo em cima da falésia a leste da Praia do Martinhal. Choca sobretudo pela sua gigantesca varanda que parece uma rampa espacial.*

As edificações não residenciais, atendendo às suas desmesuradas proporções, também podem ser *mamarrachos*, assim como qualquer objecto que o tempo colocou fora de uso. Veja-se ainda os exemplos que se seguem:

> *A Estátua da Liberdade é um* ***mamarracho****.*

> *Começaram os despejos e a destruição das janelas e portas de um prédio, no Poço do Borratém, para a construção de um elevador-****mamarracho*** *de acesso ao Castelo de S. Jorge.*

Betonismo[4]**, política do betão** — este neologismo denomina a proliferação generalizada de edificações na paisagem:

> *Digam o que disserem, nós vivemos numa zona que podia ser mantida com alguma beleza natural, não fossem as vistas curtas de quem se deixa seduzir pelo que o nosso leitor apelida, e bem, de «****betonismo****». Infelizmente, em muitos casos, a política do betão é mais forte que o interesse comum.*

Porém, o conceito «política do betão» não encerra uma conotação obrigatoriamente negativa:

> *A sociedade portuguesa, à sua maneira, encontra-se perante um dilema de natureza semelhante. Portugal tem aplicado nas últimas décadas um modelo de liberalização económica, no âmbito da integração europeia e apoiado pelas ajudas comunitárias, que se tem traduzido na elevação do nosso nível de rendimento per capita e na modernização da infra-estrutura física do país, através da denominada* ***política do betão****.*

Por portas travessas — «Nesta expressão, a palavra "travessas" é adjectivo: significa laterais. As portas travessas são as portas secundárias. A expressão *por portas travessas* significa de modo pouco claro, sinuosamente»[5]; obter o que se pretende, eliminando demoradas formalidades, por meios ocultos, indirectos, ou mesmo ilícitos.

Porta do cavalo — obter o que se pretende de forma sorrateira (porta das traseiras), ou de forma irregular, através de cunha:

> *A «simplificação» não pode fundamentalmente ser entendida como meio de obter uma diminuição da regulamentação* ***«pela porta do cavalo»****. A simplificação administrativa não*

---

[3] Esta palavra também existe em espanhol, mas tem uma acepção principal distinta *(pessoa que se veste e que diz coisas ridículas)*. Porém, ao significar *coisa feia por ser mal feita* aproxima-se da acepção aqui em apreço; it: *ecomostro*
[4] fr: *tout-béton*, it: *sementificazione*, es: *ladrillazo*
[5] in: http://ciberduvidas.sapo.pt; it: *per vie traverse*; fr: (col) *par la bande.*

pode minar ou erodir normas sociais existentes (*in* base Eur-Lex, Parecer 52006AE0952; as aspas marcam, é claro, o valor expressivo).

Levar com a porta na cara — não ser atendido, levar uma resposta negativa por vontade deliberada:

> *Era evidente que arriscaria tudo para conseguir o que queria em relação ao caso. Basil encolheu os ombros.*
> *— Muito bem, faço-o. Será um prazer vê-lo* ***levar com a porta na cara****.*

Cf. *dar com a porta na cara*(6) — recusar-se a atender ou a receber alguém.

Telhados de vidro — cf. o ditado *Atire a primeira pedra quem não tenha telhados de vidro*. Esta expressão significa que, apesar de um indivíduo se considerar protegido, essa protecção é, na verdade, demasiado frágil.

Fazer ponte — esta curiosa expressão num país que já viu ruir pontes com sacrifício de vidas humanas existe também noutras línguas com sentido coincidente: fim-de-semana prolongado, sem trabalhar um dia útil entre um feriado e um fim-de-semana:

> es: *hacer puente;* fr: *faire le pont;* it: *fare il ponte*

Visitar as capelinhas — andar a beber em todas as tabernas:

> *Bem a gente bebe, não é? Respondia o senhor Leonel, dando por começada a tarde de* ***visita às capelinhas****, que nos levaria naquela tarde a beber, aqui e acolá, mais de uma dezena de pequenos copos de vinho, que para o fim eram traçados ou mesmo só de gasosa.*

(Arrastar alguém/arrastar-se) **pelas ruas da amargura**(7) — submeter alguém a situações vexatórias e humilhantes; impor-lhe sofrimentos tais, que, em português(8), são capazes de fazer chorar as pedras da calçada:

> *A Justiça está* ***pelas ruas da amargura****, está profundamente descredibilizada, sublinhou, lembrando as duas únicas «preocupações» que o Governo teve até agora relativamente a este sector: a redução das férias judiciais e a obstinada preocupação em substituir o Procurador-Geral da República.*

augusto.murias@europarl.europa.eu

(6) it: *sbattere la porta in faccia;* fr: *claquer/fermer la porte au nez*; es: *dar con la puerta en las narices*; cf. em português *dar com o nariz na porta*, o que significa que ninguém abre a porta, sem que isso seja necessariamente deliberado.
(7) es: *traer por la calle de la amargura*
(8) it: *fare piangere anche i sassi.*

Redacção: Renato Correia (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); António Raúl Reis (Serviço das Publicações); Fernando Gouveia (TJCE); Paulo Correia (Comissão); Manuel Silveira (CESE-CR)
Grupo de apoio: Susana Gonçalves (Comissão); Hilário Leal Fontes (Comissão); Miguel Magalhães (Comissão); António Mendes da Costa (Conselho da UE); Nuno Morais (Comissão)
Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)
Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas dos Serviços Conjuntos do Comité Económico e Social Europeu e do Comité das Regiões (Bruxelas) e do Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias (Luxemburgo).
Edição electrónica: sítio Web da Direcção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine

«a folha» ISSN 1830 780 9

ISSN 1830-780-9

9 771830 780004